

BEATRIZ SARLO, TIEMPO PRESENTE



SARLO, Beatriz. *Tiempo Presente: notas sobre el cambio de una cultura. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2001.*

Por *Karl Schurster*

Tiempo presente é o título do importante livro da intelectual argentina Beatriz Sarlo publicado pela editora Siglo Veinteuno em 2001 na cidade de Buenos Aires e com versão para o português pela editora Companhia das Letras. As discussões sobre o tempo presente na América do Sul têm sido ampliadas pelas mais variadas áreas da produção do conhecimento mediante as novas demandas da conjuntura regional/mundial e por não se tratar de um debate preso apenas às ditas humanidades e suas especificidades analíticas. É neste contexto de abertura epistemológica que a obra *Tiempo Presente* se enquadra trazendo a reunião de importantes ensaios de Beatriz Sarlo que, pela sua pluralidade, profundidade e estilo singular, ganham o contorno de texto basilar para quem procura compreender a sociedade portenha e suas variantes no presente.

Iniciar um debate sobre o tempo presente requer uma reflexão profunda sobre a própria noção do termo, que se constitui hoje como conceito, sua validação, sua prática e sua própria história. Muitos problemas de caráter teórico-metodológicos estão associados a esta noção que não explicita em si uma definição fixa. Podemos pensar o presente? É possível concebê-lo historicamente?

As duas perguntas centrais que diversos historiadores tem se feito há algum tempo são respondidas por Sarlo através dos temas e do rigor analítico trazido em seus ensaios. Se

juntando ao grupo de ensaístas contemporâneos como Susan Sontag (1933-2004) e Edward Said (1935-2003), Sarlo, nascida em 1942, transforma o cotidiano, parafraseando Michel Maffesoli, num instante eterno, onde seus cantos e canteiros são explorados por um olhar atento e uma abordagem refinada que dá ao leitor o incomodo necessário para reflexão dos temas, desde a própria história da argentina, a arte de caminhar por Buenos Aires até a memória da ditadura e a redemocratização do país, passando neste caminho pelo cinema e pelo futebol.

As primeiras idéias que temos associadas ao termo história do tempo presente são obviedades como história próxima, imediata, história em processo, ou mesmo história contemporânea – mesmo que na sua gênese francesa, a história contemporânea e a história do tempo presente signifiquem campos distintos. Portanto, o primeiro problema subjetivo implícito no livro de Sarlo é a atenção de que os intelectuais necessitam (re)pensar, esmiuçar, a idéia de tempo que deveria ser preliminar à própria noção de presente ou de contemporâneo. Uma das questões abordadas tanto neste livro que estamos trabalhando, *Tiempo presente*, como no livro *Tiempo Pasado*, é que a escrita da história do tempo presente tem como uma de suas especificidades a presença de uma memória viva que carrega consigo sua complexidade e diversidade, muitas vezes transformando a memória em algo mais importante que a reflexão, transformando-a em monumento. Entender e recordar são parte integrante do ofício do intelectual do presente. Um não pode existir em detrimento do outro. O exercício de reflexão acompanhado de um constante estranhamento de sua própria condição existencial no presente são condições sem a qual o intelectual não poderia ler seu próprio tempo. Refletir sobre a história do tempo presente é, em larga medida, construir uma visão com relação à certa idéia de passado – espaço de experiências – ou em relação ao futuro – horizonte de expectativas. Pensar o presente nos leva a um exame detalhado e rigoroso sobre algumas questões gerais que envolvem este ofício no século XXI:

- I. A relação entre memória e história;
- II. O lugar de fala dos historiadores e intelectuais de modo geral;
- III. O papel das mídias;
- IV. A relação entre contemporaneidade e tempo presente;
- V. As ciências sociais e o tempo presente;
- VI. As relações temporais – passado/presente; passado/passado; presente/presente e presente/futuro. (seria o tempo presente uma lacuna histórica entre passado e futuro?)

Estas discussões não colocam em pautas as análises da crítica pós-moderna às historiografias contemporâneas, deixando esta discussão para outro espaço devido não queremos nos encaminhar para uma problematização discursiva das narrativas intelectuais. Partindo das premissas de um presente complexo e com variantes ainda não exploradas, Sarlo nos apresenta um livro que, mais do que simples ensaios, constituem um ensinamento teórico-metodológico para compreensão do presente. Um dos atributos do historiador é através daquilo que Michel de Certeau chamou de operação historiográfica: localizar de que lugares falam os autores e quais as condições de produção que os levam a pensar e refletir sobre tais conjunturas de determinados modos em detrimento de outros. È o que tentamos fazer neste momento com a vida e obra de Sarlo antes de adentrar especificamente no texto do livro *Tiempo Presente*.

Walter Benjamin teorizou em seu livro “*Passagens*” que as grandes cidades produzem algo que está presente nos intelectuais que as lêem. Acredito que está é a relação entre Buenos Aires e Beatriz Sarlo.

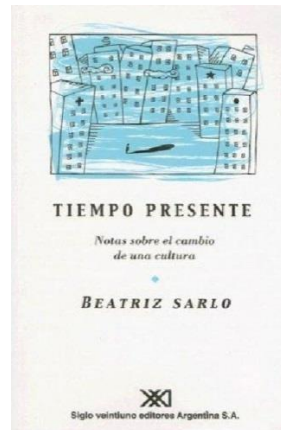
O século XX formou diversos intelectuais que optaram pelo modelo ensaístico como preponderante em suas narrativas. No caso da pensadora argentina Beatriz Sarlo não foi diferente. Em alguma medida três questões nortearam os escritores argentinos na segunda metade do século XX: primeiramente, a questão sobre o que é ser argentino?, que se constitui como uma marca dos grandes ensaístas do país. Em segundo lugar, os ensaios sobre a interpretação do peronismo, que foram publicizadas pela inserção destes intelectuais na imprensa através de colunas e artigos. Em último, os ensaios sobre memória, testemunho dos anos de ditadura e a construção da história nacional. Podemos inserir a carreira de Beatriz Sarlo, uma das mais importantes ensaístas argentinas, como partícipe deste tripé de reflexões, mas, não se limitando só a eles, ampliando seus horizontes para uma análise do seu tempo presente, (re)pensando as matrizes da história contemporânea argentina. Como todo ensaísta, Sarlo se debruça sobre o cotidiano do seu país e parte sempre de casos presentes usando o passado como uma ferramenta que funda tradições e percepções que se cristalizaram e se cristalizam no imaginário social.

Neta de imigrantes europeus e tendo estudado durante sua formação básica em colégio britânico, a influência desta cultura e pensamento marcou a forma de interpretar e analisar sua sociedade. Em entrevista a Alejandro Blanco, Sarlo comenta que desde muito cedo entrara em contato com a literatura britânica e que durante anos Shakespeare fora texto obrigatório em

sua formação. Sua formação acadêmica se deu na Faculdade de Filosofia e Letras da UBA – Universidade de Buenos Aires – no decorrer da década de ‘60. A influência direta da Universidade em sua carreira se deu mais pelo ambiente proporcionado pela mesma do que pela própria Universidade em si. Naquele momento, na localidade da Universidade, na rua Viamonte entre as ruas San Martín e Reconquista, ficava a melhor livraria francesa de Buenos Aires, dirigidas por livreiros com uma vivência do círculo intelectual do país. Segundo a própria Sarlo, seus colegas e ela freqüentavam esta livraria não apenas para compra de livros, mas, acima de tudo, para saber o que estava se passando no mundo intelectual europeu e, através destas andanças pela *Galetea*, entrou em contato com as obras do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Ao redor da Universidade ainda existiam outras livrarias, galerias de arte e teatros, o que tornava o espaço cultural altamente atrativo para os jovens estudantes desta geração. Talvez a definição de intelectual-escritor-ensaista seja a melhor definição para uma autora tão polissêmica e ao mesmo tempo tão refinada como Beatriz Sarlo.

Além da já citada influencia inglesa, marcada pelo contato com a obra de Raymond Williams, a academia francesa também deixou profundos vestígios em seu pensamento. Desde cedo Sarlo estudou francês e leu as obras de Balzac, Sthendall, Flaubert e Baudelaire, antes mesmo de ingressar no ensino superior. Sem dúvida, sua maior influência veio do estruturalismo francês e do contato com a obra do teórico Roland Barthes e da sociologia do cotidiano de Michael Maffesoli. Marilena Chauí em um ensaio sobre a obra do filósofo Merleau-Ponty afirmou que a teoria é a lente pela qual o intelectual decide ler o mundo. Para Sarlo, Raymond Williams e Roland Barthes representam sua forma de interpretar a sociedade, de ler seu tempo presente. Sarlo relacionou a não hospitalidade da Universidade com as questões de caráter ideológicos presentes desde o golpe de Estado de 1930 que colocou o general José Félix Uriburu no poder.

Além de professora visitante nas Universidades de Columbia, Berkeley, Maryland e Cambridge, Sarlo se tornou conhecida internacionalmente pelas críticas sobre cinema, teatro e aspectos variados da vida contemporânea. Da sociedade do consumo a duras críticas sobre filmes como *A Vida é Bela* e *a Lista de Schindler*. Desde sua fundação em 1978, foi editora da revista *Punto de Vista* até o encerramento das edições em 2008 pela autora acreditar que estava se fechando um ciclo de sua carreira.



O livro *Tiempo Presente*, está dividido em sete partes: ontem e hoje, contrastes na cidade, transformações, mitos, contar a história, primeira pessoa e intelectuais. A primeira parte intitulada *Ayer e hoy*, traz uma interessante análise sobre atitudes culturais, comportamentos em relação às transformações culturais e sua relação com as identidades de uma forma geral. No primeiro ensaio chamado *Crises y consumo*, Sarlo faz um alerta sobre o que chamou de *espejismo*[1], uma ilusão sobre os deslumbramentos do consumo, da sociedade dos *shoppings* e da entrada das grandes marcas de consumo internacionais na Argentina. Ela deixa muito claro em seu texto que não está tratando especificamente da capacidade econômica dos argentinos em meados dos anos '90, mas de um comportamento que se transformou ao longo dos anos numa atitude cultural: o consumo. O ensaio seguinte, *La deuda*[2] expressa significativamente uma das características centrais da obra da autora, tratar dos problemas das identidades nacionais e da relação entre Estado e sociedade.

A autora afirma no texto que a dívida “é a forma atual de realização incompleta de nossa vida em sociedade.” Ela está se referindo à assertiva de que as nações modernas nasceram sobre a base de promessas que, no sentido mais amplo, são os direitos que asseguram a cidadania, ou que dão sentido à mesma. “Uma sociedade não se sustenta só em suas instituições, mas, também na capacidade de gerar expectativas de tempo.”[3] Neste sentido, afirma que o tempo da dívida social provocou feridas no corpo. Esta metáfora, alegoria, além de uma influência direta e inegável da obra de Walter Benjamin, cuja autora dedicou um de seus mais destacados livros, aponta para uma relação entre o tempo em que os direitos foram subtraídos da população e como isso refletiu diretamente no cidadão desempregado ou naquela mulher de trinta anos com seus oito filhos que apresenta a marca deste tempo estampada em seu corpo. Depois de um ensaio sobre o consumo a autora trouxe o seu paradoxo mais duro no texto seguinte, a pobreza: “a nação se perdeu no extremo labirinto da pobreza.”[4]. Em seguida Sarlo faz uma análise teórica da relação povo/massa no século

XX trazendo num curto texto uma profunda discussão teórica que instrumentaliza os cientistas sociais nesta nebulosa discussão. *Ni esencia ni sustancia*[5] começa tratando especificamente de como a ditadura argentina durante o peronismo falava de povo: “O povo era ao mesmo tempo o protagonista, o destinatário, a causa e o motivo, o motor e a massa.”[6] Sarlo defende a idéia de que na democracia, em seus primeiros anos da transição, o povo foi restituído de uma centralidade, porque as ditaduras sempre projetam um inimigo e geralmente o chamam de povo, que termina de uma forma ou de outra levando ao seu deslocamento, sua fragmentação. Citando o sociólogo francês M. Maffesoli, Sarlo afirma que o tempo presente é um espaço onde perambulam tribos culturais diferentes e instáveis agrupamentos de interesse, seja por música, pelo esporte, por sexualidade, idade. Neste sentido, não podemos falar de povo, mas de grupos que tomam configurações das mais distintas e que sua existência dura o que durar o ato que os convoca. Isso configura o que Gilles Lipovetsky[7] chamou de *relações efêmeras*. Por isso o próprio tratamento institucional na relação Estado/sociedade foi modificado de povo para cidadão. Além de ser mais formal, o cidadão está amparado pelos seus direitos que constituem sua definição por excelência e não por essência como estava atrelada à noção de povo. Fechando esta primeira parte, Sarlo trás um ensaio sobre as identidades culturais na Argentina e as marcas do século XX nesta cultura.

Todo ensaísta num momento ou noutro faz um balanço reflexivo sobre as identidades nacionais e sua própria relação com o espaço, seu lugar de fala. Por excelência o ensaísta é o intelectual que incomoda, que mantém as feridas abertas construindo uma eterna zona de desconforto.

Para Beatriz Sarlo o primeiro momento de balanço sobre a nação argentina foi o centenário da independência. A autora se dedicou a entender as drásticas transformações passadas pelo país de 1810 a 1910. Seu primeiro diagnóstico foi que a nação, em 1910, mais se parecia com um mercado em desenvolvimento do que um país propriamente dito. O significado da República estava restringindo ao conceito de economia aberta. Era natural que com o centenário da revolução de maio, a dinâmica social do país fosse questionada em busca de melhores condições sociais para todos os grupos pertencentes à nação. Todos reclamavam, de forma geral, uma modificação nas estruturas políticas para garantir que os direitos à cidadania saíssem da carta constitucional e se transformasse em realidade prática. Para Sarlo, na Argentina, a cultura política dos grupos sociais alijados da participação política representou em larga medida uma luta por identidade, por reconhecimento e autonomia perante as classes hegemônicas. Para os portenhos a cidadania passou a ser vista como uma

dimensão de luta pela identidade. Por Buenos Aires ter construído uma soberania política durante o processo de independência e por ter adquirido uma preponderância econômica no país, acabou dando um novo sentido ao conceito de cidadania atrelando este conceito à prática de viver em cidade. Sarlo aponta para como a capital da Argentina construiu sua hegemonia através de uma cultura política fortemente calcada em estereótipos identitários: a criação do “ser argentino é...”. Passando por uma breve história da educação pública no país a autora nos remete a uma discussão sobre integração e que, no caso da Argentina, antes de pensá-la de forma continental, foi problematizada no âmbito interno. Sua grande crítica, neste caso, é que não se conseguiu pensar um modelo de integração interno no país que possibilitasse as diferenças regionais, apagando em diversos casos as particularidades da cultura política de cada região. Sendo um dos maiores ensaios do livro, a autora decide fazer um diagnóstico, no uso mais foucaultiano do seu significado, da Argentina. Ela identifica Buenos Aires como uma tradução da Europa e como toda tradução, com as imperfeições de algo que é retirado do sentido original. Neste aspecto, identifica a cidade não como uma cidade européia, mas como produto de uma vontade cultural européia na América do Sul[8], uma metáfora próxima àquela dirigida por Carlos Fuentes em seu *Espelho Enterrado*. Um dos questionamentos levantados pela autora sobre a identidade do ser argentino é respondida quando ela afirma que este homem do século XX absorve a identidade da cidade se transformando neste estereótipo da modernidade, por isso, uma das implicações do ser argentino era estar ligada diretamente à moderna Buenos Aires. Outras duas questões centrais tratadas neste texto são o peronismo e, em seguida, a questão da memória histórica no país. Não vamos nos alongar no debate sobre o peronismo, visto que é uma das mais acaloradas discussões acadêmicas dos intelectuais argentinos e, por isso, seria uma questão digna de um texto próprio com bibliografia e documentação específica.[9] Dos pontos levantados por Sarlo ao analisar o fenômeno peronista na história Argentina a autora destaca que o mesmo ofereceu um princípio de identificação não só com os setores populares, mas também com os intelectuais, dando a eles a certeza de que a Argentina era plenamente uma sociedade de massas.[10] A partir de 1955, quando da queda do peronismo, o primeiro balanço feito pela intelectualidade portenha estava pautado por tentar identificar o que este regime produziu na sociedade em termos de uma nova roupagem ao conceito de cidadania e até mesmo uma nova cultura política. Daí surge a pergunta mais debatida sobre o peronismo na Argentina trazida para o debate por Ezequiel Martínez Estrada e Ernesto Sabato: como pode um líder com todas as características do autoritarismo e um movimento de massas dirigido verticalmente obter lealdades tão

inquebrantáveis por parte de seus seguidores?[11] Essa indagação gerou dentro da intelectualidade o que ficou conhecido como *querela dos historiadores argentinos* (o referente na historiografia alemã do *historikerstreit*) pelo sentido do peronismo.

Uma explicação intelectualmente satisfatória a este embate não seria possível. Centenas de obras já foram escritas sobre o tema e nenhum consenso se formou sobre o assunto, até então. Acreditamos que a melhor indicação para este tipo de questionamento foi levantada pelo historiador George Mosse no livro *Le racines intellectuelles du Troisième Reich*, quando afirmou que esses regimes ditatoriais da década de '30 e '40 deram à sociedade que os compunham um sentimento de participação na vida pública maior do que as democracias anteriores aos anos '30.[12] Por mais que este debate ultrapasse nossa possibilidade de aprofundá-lo aqui, quem for estudar a sociedade argentina no tempo presente deverá adentrar nestas veredas. No último ponto deste ensaio, *El capítulo de La memoria*, Sarlo se interroga sobre os anos de ditadura durante a Guerra Fria e afirma que “os crimes da ditadura militar são matéria de uma reflexão filosófica, historiográfica, moral e estética.”[13] Sua crítica incide na perspectiva de que se dá mais valor à memória do que à reflexão sobre o ocorrido e afirma que a sociedade argentina durante o processo de redemocratização oscilou entre a lembrança e o esquecimento. Beatriz Sarlo termina esta parte do texto evocando o filósofo alemão Theodor Adorno e seu texto *Educação após Auschwitz* reforçando a tese de que os questionamentos levantados por ele seguem em aberto porque a morte e a dor são irrepresentáveis.

Na segunda parte, *Contraste na Cidade*, apresenta uma relação entre a sociedade e a cidade através das reconfigurações identitárias presentes neste contexto tentando entender as marcas da globalização e do processo de redemocratização em Buenos Aires. Assim, aponta o sentimento de medo como (des)organizador da relação da sociedade com o espaço público. Há nesta parte, em específico do livro, uma preocupação da problematização das relações sociais e seus paradoxos identitários chegando à conclusão de que o racismo de um lado e o particularismo cultural do outro acentuam a extrema debilidade dos laços comum entre os indivíduos. Além da relação entre violência e cinema, da relação do consumo com a cidade, a autora também foca, com uma abordagem bastante sociológica, na condição de prostitutas e travestis nas cidades deixando claro que a inquietação que estes grupos acabam produzindo em determinados nichos da sociedade acontece pelos mesmos representarem uma ‘transgressão’ visível.

Com o sugestivo título *Transformações*, Sarlo inicia a parte três do livro com um instigante debate entre tempo e memória aprofundando as relações entre a análise e o tempo presente. As mutações do tempo no século XX deixaram marcas profundas na sociedade argentina. O tempo fluído e a moderna sociedade líquida, parafraseando Baumann, são os temas macros desta parte do texto. Esta noção de tempo acelerado com imagens com durações mais curtas, afeta também a idéia de memória e recordação/lembrança. Neste sentido a memória para Sarlo passou a ser um tema social, não se tratando apenas da relação da memória com a justiça, como nos casos das ditaduras, mas se trata também da recuperação de memórias culturais e de construção de identidades perdidas, imaginadas, ou seja, a abertura para novas leituras do passado. É neste aspecto que o tempo presente, desgastado por sua aceleração, que o torna cada vez mais líquido, se converte em matéria de memória, ganhando solidez e longevidade nas interpretações sociais. O tempo líquido convertido em memória transforma-se num tempo de longa duração. Para Beatriz Sarlo a aceleração do tempo produz um vazio do passado que o estudo da memória tenta compensar. O paradoxo inicial do século XXI estaria nesta relação entre o tempo presente e o passado. Enquanto este tempo acelerado impede o transcorrer do presente, a memória busca dar solidez e veracidade a este presente que se apresenta socialmente como mitologicamente um dos filhos de *Cronos*. Outros temas políticos como o sistema educacional fazem parte das críticas emitidas pela autora. Formula a crise do sistema educacional mundial alertando que, para os adolescentes, a escola representa um lugar de pobreza simbólica porque é um espaço não exclusivamente nem hegemonicamente ‘mass-midiático’ apresentando condições desfavoráveis para articular novas sínteses culturais. Se a escola está em crise, o Estado não consegue a realização de políticas públicas que democratizem as oportunidades neste espaço, então, toda configuração cultural e social de um país ficam à competência e força das relações de mercado, legando o futuro dos indivíduos a uma batalha onde cada um se aventura como possa. Segundo Sarlo, quando a administração pública falha, perdendo poder, recursos e força na luta pela democratização do sistema educacional, seus gerenciadores políticos transformam-se em programadores de mercado cujos valores não auxiliam na constituição de uma sociedade com cidadãos iguais, mas, acabam por constituir uma rede de consumidores fieis ao mercado.[14]

Retomando às discussões de Antônio Gramsci, Sarlo vai de encontro ao modelo educacional que, ao invés de oferecer os meios e alternativas para a transformação, acaba reforçando o destino social de origem dos indivíduos. A escola pensada tanto por Gramsci quanto por Sarlo é a chamada humanística, onde a igualdade de oportunidades culturais

compensaria as desigualdades sociais. Por isso, na escola opera os lugares de resistência e conflito de uma cultura.[15]

Em 1978, dezesseis países disputavam a décima primeira copa do mundo disputada na Argentina sob um tenso clima político. Um dos jogadores mais esperados para o torneio, o holandês Johan Crujff se recusou a participar do torneio supostamente pela questão política vivenciadas pelos portenhos. Este é o contexto do início da parte quatro do livro chamada *Mitos: o mundial de futebol de 1978, a ditadura e a guerra nas Malvinas*. A autora faz uma relação entre o uso pedagógico do futebol como ensinamento político para analisar as questões sociais do país. Ainda faz uma interessante comparação com a derrota do mundial de 1998 e defende a tese de que uma derrota poderia se converter em uma paixão inteligente onde as relações entre história, esporte e pátria levariam a uma reflexão mais profunda sobre a natureza e dinâmica de uma sociedade.

História compacta e história ausente é um ensaio que está na quinta parte desta reunião de ensaios e que trás como tema central uma discussão histórica sobre a narrativa e os sentidos da história. A autora faz uma comparação entre a narrativa e o instigante documentários de Claude Lazmann *Shoa* de 1985 que retrata a história do holocausto através de nove horas de entrevistas com sobreviventes do nazismo. O documentário de Lazmann opta pela utilização de um ritmo lento com o intuito de se remeter ao pensamento. Uma boa reflexão é sempre mais lenta. Logo, o plano do documentário se insere neste contexto para poder se aproximar da profundidade remetida por tal evento. Beatriz Sarlo quer discutir com isso a não conformidade com a ausência no presente. Para ela a história hoje está pletórica, não de sentidos, mas de detalhes. Por isso abordagens como as de Claude Lazmann onde o holocausto é narrado sem a utilização das imagens duras do sofrimento humano nos campos de concentração são fundamentais para a abertura de novos sentidos e possibilidades de narrativa histórica. Este modelo, tal qual Lazmann nos mostrou é contrário à corrente que entende a narrativa histórica com uma necessidade plena de mostrar o todo, de dizer tudo. É como se não houvesse mais uma confiança sobre a força do que esta sendo relatado e assim debilitasse a história a uma abundância onde há um culto ao detalhe. Muito mais do que detalhes, a história necessita de reflexão e de abordagens que possibilitem a ampliação e profundidade do pensamento ao invés da ditadura do todo.

Esta parte do livro também aborda a relação entre história e cinema onde filmes como *A Vida é Bela* são duramente criticados pela autora. Sarlo diz ser impossível comparar o

filme a uma película do chamando cinema político devido o filme ser amplamente comercial e sua estética respondem mais à indústria do cinema que está acostumada a suportar praticamente todas as temáticas. Segundo a ensaísta um dos grandes problemas do filme esta na sua pobreza narrativa que esconde a política de uma temática tão sensível como o holocausto. Ainda segundo Sarlo, nada mudaria na estrutura narrativa do filme se mudássemos o cenário: de campo de concentração a trajetória de um povo do ‘terceiro mundo’ destruído por um terremoto, o resultado seria o mesmo. Ela considera o filme de Begnini, aclamado pela crítica internacional, como uma espécie de *Truman Show*, que ao invés de se desenvolver num estúdio de televisão, converte o cenário de um campo de concentração numa representação teatral. Neste sentido a película do cineasta italiano fala sobre a capacidade para produzir uma ilusão muito mais do que problematiza o fenômeno concentracionário nazista. Por isso, este filme representaria a impossibilidade das relações entre arte, história e política devido seu ordenamento sobre as emoções do público. A emoção que se faz constante seria apenas uma forma de prender o público no pseudo ‘drama histórico’ onde o poder da reflexão sobre o terror dos campos de concentração fica negligenciado a um segundo plano.

Na sexta parte do livro, chamada *Primeira Pessoa*, Sarlo faz um apontamento biográfico do seu percurso intelectual tratando de suas experiências políticas e acadêmicas e de como se influenciou por autores como Norberto Bobbio, Raymond Williams e Walter Benjamin, por exemplo.

Na sétima e última parte, *Intelectuais*, a autora inicia afirmando que as culturas são máquinas de produzir formas. Esta assertiva esta permeada pela intenção de Beatriz Sarlo de problematizar os intelectuais e seus compromissos sociais. Parafraseando Karl Kraus, diz que a arte desordena a vida e que este é não só o dever da arte como também dos intelectuais. O sentido de desordem para ela está se referindo ao que nem o mercado, nem as instituições, nem a imprensa conseguem prever. Ainda continuando a problemática dos intelectuais e de suas posições perante o presente, a autora retrata a crise do que chamou de *voz universal que toma partido*. Utilizando as palavras de Pierre Bourdieu, diz que a morte de Sartre representou a morte de um tipo específico de geração de intelectuais que ele representava: o intelectual que ao mesmo tempo buscava o universalismo e se posicionava perante os eventos políticos e sociais – Sarlo chamou de partidarismo. Além disso, a autora faz um balanço deste modelo de intelectual na Argentina e alerta para os devidos cuidados dos pensadores com o anacronismo e o etnocentrismo, perigos muito comuns quando seu objeto é a sociedade em

seus mais variados aspectos. Autonomia e crítica são pressupostos indispensáveis para realização deste trabalho. A impressão mais clara que esta última parte do livro nos aponta é que a autora está tratando da sua própria condição de intelectual e conseqüentemente historiciza seu próprio lugar de fala, sua condição de produção da crítica na sociedade líquida moderna.

Ser de esquerda tem uma função social e prática. É assim que Sarlo pensa, em seu último ensaio no livro, *contra a mimesis: esquerda cultura e esquerda política*, onde traça um panorama do ser intelectual na Argentina pós-queda do socialismo real e remonta a uma visão sobre a necessidade naquele momento de repensar as esquerdas e seus postulados num momento de transição. Para Sarlo uma das funções mais claras tomadas pelo intelectual que se postula de esquerda seria a não naturalização das coisas. Neste sentido, este intelectual seria aquele que lutaria constantemente contra a tentativa hegemônica de entender as sociedades, seria uma constante crítica ao poder instituído como dominante excluindo as diversidades e as possibilidades de democratização da via pública para a população. A objetividade como uma dimensão epistemológica também estaria dentro destas características. Dimensão esta indispensável para a *práxis*. Outra questão indispensável no pensamento deste intelectual, para ela, são os direitos humanos, que estariam como tema de debate *ad eternum*. Por fim, este intelectual teria como outro ponto inegociável em sua reflexão a conservação da vida em condições materiais e simbólicas dignas, assim se poderiam constituir o que chamou de esquerda antimimética. Segundo Sarlo, ser de esquerda hoje seria intervir no espaço público e na política resistindo aos pactos de cumplicidade e resignação que se constituem como pactos de mimeses política.

Desde os anos 2000 a autora trabalhara sistematicamente em pesquisas sobre dilemas levantados pelas turvas noções de memória das ditaduras civis-militares na América Latina. A autora questiona uma possível inflação da memória onde a construção da verdade seria uma construção do sujeito. Ela afirma que a memória não teria uma força tão grande como apontam os discursos contemporâneos. Neste sentido, seria importante dar mais valor à reflexão do que à memória que se cristaliza mais como uma visão do passado do que uma análise profunda sobre ele.

Notas



- 1 - Ilusão de ótica. Tradução livre do autor.
- 2 - A dívida. Tradução livre do autor.
- 3 - SARLO, Betariz. *Tiempo Presente: notas sobre el cambio de una cultura*. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2001, p.17.
- 4 - Idem, p.19
- 5 - Nem essência nem substância (T do A).
- 6 - SARLO, B. Op. Cit, p. 20.
- 7 - LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- 8 - SARLO, B. Op. Cit, p. 29.
- 9 - Indicamos para quem queira aprofundar o debate sobre a historiografia peronista na Argentina iniciar pela leitura do fundamental livro *Peronismo y cultura de izquierda* de Carlos Altamirano. Neste texto estão presentes os principais debates sobre o tema e aponta uma vasta pesquisa bibliografia sobre o assunto.
- 10 - SARLO, B. Op. Cit, 38.
- 11 - Idem, p. 39.
- 12 - MOSSE, George. *Les raciness intellectuelles du Troisième Reich*. Paris: Histoire, p. 250-51.
- 13 - SARLO, B. Op. Cit. p. 43.
- 14 - SARLO, B. Op. Cit. p.103.
- 15 - Idem, p. 107.